

DIÁLOGOS ENTRE PSICOLOGIA E PEDAGOGIA, UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Arthur Vinicius Ramos Ribeiro ¹

RESUMO

Este artigo explora as interações entre a Psicologia e a Pedagogia, destacando sua história, influências mútuas e implicações no campo educacional. Inicia-se com uma análise das raízes filosóficas da Psicologia e sua evolução como ciência, destacando a diversidade de abordagens e teorias que caracterizam o campo. Assim observando que essa diversidade também influenciou as reflexões e práticas pedagógicas, desde o surgimento de diferentes compreensões sobre a mente humana e o comportamento até os dias atuais. A posteriori, discute-se como os processos sociais, históricos e culturais moldaram tanto a Psicologia quanto a Pedagogia, enfatizando a importância de considerar esses contextos na análise científica. Na parte metodológica, buscou-se definir esta pesquisa enquanto uma revisão narrativa da literatura, assim como nos apoiamos também em autores da psicanálise e da psicologia para discutir criticamente o lugar da Ciência nesses campos. Por fim, nos resultados, são discutidas as práticas de abordagens pedagógicas que se baseiam em teorias psicológicas, como o comportamentalismo, a psicanálise e a teoria sócio-histórica de Vygotsky. Nas considerações finais, destaca-se o potencial de colaboração entre a Psicologia e a Pedagogia, enfatizando a importância de abordagens críticas e compreensivas para entender os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Conclui-se com um apelo por novas reflexões e revisões críticas sobre o papel das Psicologias na ciência pedagógica, visando uma compreensão mais específica e holística dos fenômenos que permeiam esses campos interdisciplinares.

Palavras-chave: Psicologia, Teoria sócio-histórica, Pedagogia, Filosofia, Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Buscamos ao longo deste trabalho pensar e repensar a influência da psicologia no campo pedagógico, principalmente na prática docente. Considerando a ampla gama de teorias e matrizes que fundamentam a psicologia, e suas diversas vertentes, foi optado por inicialmente apresentarmos e discutirmos sobre seu surgimento, desde a filosofia, perpassando pelas principais perguntas que nortearam a reflexão psicológica, desde seu nascimento até a contemporaneidade. Após descrição dos objetivos, apresentamos as abordagens mais relevantes internacionalmente e no Brasil, e discutimos a importância e justificativa deste trabalho.

¹ Bacharel em Psicologia e Pós-Graduando em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Mestrando em Neurociência Cognitiva e Comportamento, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, arthurvribeiro@gmail.com.

Ao autor Hermann Ebbinghaus é atribuída uma célebre frase: “A Psicologia tem um longo passado, mas uma curta história” (Ferreira, 2006, p.13). Sendo assim, a psicologia embora tenha seu início recente enquanto ciência (final do século XIX e início do séc. XX), esteve presente desde o surgimento da filosofia como uma das principais questões norteadoras nas reflexões intelectuais.

São elas as indagações sobre o que é o “Ser”, sua essência e sua relação com o mundo, vão além do escopo da ciência e da filosofia, perpassando também os saberes religiosos e o próprio senso comum. Questões essas que poderíamos traduzir como os ditados ancestrais: “O que somos”, “De onde viemos” e “Para onde iremos”.

A preocupação com o “Ser” se permuta em várias outras preocupações no seio da Psicologia, de forma a deslocar esse objeto de estudo a depender do método e dos objetivos empregados. Para esclarecer esse ponto, podemos dizer inicialmente que para falar da Psicologia e de sua história é importante antes de tudo entender que seu surgimento é condicionado por processos históricos, sociais e culturais.

Dessa forma, temos de ter em mente a existência de um amplo espectro de reflexões sobre a Psique motivados por esses processos, tanto na filosofia quanto na ciência, que para autores como Bock e Teixeira (2003) nos inclina a perceber o campo psicológico mais como um conjunto de saberes de reflexões heterogêneas, radicalmente plurais, identificado enquanto Psicologias, do que um construto unitário e perfeitamente coeso sob a égide de uma mesma nomenclatura chamada de Psicologia.

Assim, podemos observar que dentro desse grande campo, existem uma ampla gama de métodos, práticas e fenômenos, que podemos localizar enquanto diferentes teorias ou abordagens. Entre as matrizes mais influentes, no mundo e no Brasil, podemos destacar a psicanálise, o behaviorismo, o cognitivismo, o humanismo, as perspectivas fenomenológicas-existenciais e a teoria histórico-cultural (Figueirado, 2003).

Nesse sentido o objetivo deste trabalho é realizar uma reflexão crítica sobre o surgimento da psicologia (entre suas demais matrizes e respectivas influências culturais, sociais, científicas e filosóficas) e suas relações com a pedagogia e as, então denominadas, tendências pedagógicas. Para isso foram consultados autores, como Shapin (2013) e Lacan (1998), que pensaram de forma aprofundada o status da ciência, suas influências e o lugar do sujeito que a pratica.

Embora, devido aos objetivos delineados para a exposição desse trabalho, não nos deteremos a explicar especificamente cada uma dessas visões. Podemos apontar que

devido o surgimento dessas diferentes compreensões acerca da mente humana (psicanálise), do comportamento (behaviorismo), dos processos de compreensão e aprendizagem da realidade (cognitivism) e dos processos sócio-culturais que possibilitam a emergência da consciência, na teoria histórico-cultural, mais comumente associada ao próprio pensamento de Vygotsky (2001) houveram implicações direta nas reflexões teóricas e práticas do campo pedagógico. Não só na época do surgimento dessas perspectivas (primeira metade do século XX), mas até hoje.

A importância de pensar a respeito dessas relações é a sua implicação prática e teórica, seja para os docentes em sala de aula, seja para pensarmos um modelo de escola mais inclusivo e desenvolvido, que compreenda de forma científica, ou pelo menos de forma reflexiva e séria, o aluno. Uma escola que entenda e apreenda os reais processos de aprendizagem e os demais aspectos do desenvolvimento humano.

METODOLOGIA

Define-se esta pesquisa enquanto uma revisão narrativa da literatura. Tratando-se assim de uma abordagem de ordem qualitativa, de natureza investigativa e exploratória, que intenta refletir e dialogar de maneira crítica o lugar da psicologia, enquanto prática e ciência e suas relações com o campo pedagógico. Apoiamo-nos em autores da psicanálise e da psicologia, como Lacan (1998), Ferreira (2006) e Bock & Teixeira (2003), para discutir crítica e profundamente estes temas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pedagogia assim como a Psicologia tem marcas indeléveis dos processos sociais, históricos e culturais que a compuseram. Não de forma leviana o exímio pedagogo José Carlos Libâneo (1985) emprega o conceito de Tendências Pedagógicas dentro de sua reflexão a respeito de uma Pedagogia Crítica.

As tendências pedagógicas são concepções teóricas e práticas que orientam o trabalho docente, influenciando a maneira como se compreende o processo de ensino-aprendizagem, a função social da escola e o papel do professor e do aluno. Libâneo (1985) apresenta uma análise detalhada dessas tendências, dividindo-as em duas grandes correntes: as tendências pedagógicas liberais e as tendências pedagógicas progressistas. Assim, aborda essas vertentes como formas distintas de entender a função

da escola e o desenvolvimento educacional, refletindo as condições políticas, sociais e econômicas de diferentes períodos históricos.

As tendências liberais são aquelas que veem a educação como um instrumento de adaptação do indivíduo à sociedade, com o objetivo de formar cidadãos aptos a participar da ordem social vigente, sem questioná-la profundamente. Dentro dessa perspectiva, o ensino é centrado na transmissão de conhecimentos sistematizados e no desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias ao desempenho social e profissional. Libâneo (1985) classifica as tendências liberais em três subcategorias principais: a tradicional, a renovada progressivista e a tecnicista.

A pedagogia tradicional é a mais antiga entre as tendências liberais e tem suas raízes no século XIX. Ela se baseia na transmissão de conteúdos de forma expositiva e hierárquica. Semelhante ao que Freire (1996) chamou de educação bancária. O foco está no acúmulo de conhecimentos e na disciplina intelectual, com ênfase na memorização e na repetição de informações.

A pedagogia renovada progressivista surge como uma crítica à rigidez da pedagogia tradicional. Influenciada por autores como John Dewey, essa tendência coloca o aluno como centro da educação, enfatizando o aprendizado através da experiência e da interação com o ambiente. O professor aqui assume um papel de facilitador.

A pedagogia tecnicista, que ganhou força no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, é uma manifestação das influências do pensamento positivista e do tecnicismo educacional, particularmente nos períodos de industrialização e no regime militar. Ela vê a educação como um processo técnico e racional, voltado para a formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho.

De outro lado, o autor identifica as tendências pedagógicas progressistas, que se diferenciam por questionar a estrutura social vigente e propor uma educação crítica e transformadora. Essas tendências consideram a escola como um espaço de contestação e de formação de indivíduos conscientes das desigualdades sociais e capazes de atuar na transformação da realidade. São elas: a libertadora, a libertária e a crítica social dos conteúdos.

A pedagogia libertadora, influenciada por Paulo Freire, propõe uma educação voltada para a conscientização dos oprimidos e a superação das desigualdades sociais. Para Freire (1996), o processo educativo deve ser um diálogo entre educador e educando, em que ambos aprendem juntos a compreender a realidade e a atuar para

transformá-la. O conteúdo do ensino é pautado nas experiências concretas dos alunos, e o objetivo final é a emancipação dos sujeitos, tanto no plano individual quanto no social. O professor não é uma autoridade que detém o poder, mas sim é um mediador que promove uma reflexão crítica sobre o mundo.

A pedagogia libertária, por sua vez, é uma tendência que defende a abolição da escola como instituição formal, uma vez que a vê como um mecanismo de reprodução das relações de poder e de controle social. Enquanto a pedagogia crítico-social dos conteúdos, também chamada de pedagogia histórico-crítica, defende uma síntese entre a transmissão dos conteúdos escolares e a formação crítica dos alunos. Essa tendência se esforça para reconhecer a importância do conhecimento sistematizado, no entanto destaca que esta é uma forma a permitir que os alunos compreendam as condições históricas e sociais que os produziram. Assim, essa última tendência enfatiza o papel da escola como formadora de sujeitos ativos, capazes de produzir mudanças significativas na realidade social na qual estão inseridos.

Certamente mantendo um olhar perspicaz podemos identificar que esses mesmos traços, a influência desses processos ou fatores sociais, históricos e culturais, como também não podemos deixar de observar econômicos e até mesmo pessoais (aspirações, desejos, vieses), não se restringe à gênese desses dois campos mas perfazem todo e qualquer campo científico (Shapin, 2013).

Não é à toa o subtítulo do Livro “Never Pure”, do prof. Steve Shapin (2013, p.1) (História da Ciência/Universidade de Harvard), que reúne dezenas de artigos sobre o fazer científico, que denota a necessidade de compreender a ciência como: “...produzida por pessoas com corpos, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade.”

A psicologia na ânsia de ser ciência pode ocorrer em erro, assim como uma visão substancialmente rígida pode levar o cientista, ou a teoria, a se distanciar do seu objetivo primário. Pierre Gréco (1972: 19): “[esta é a desgraça do psicólogo com relação ao seu método] ...nunca está seguro de fazer ciência. E quando a faz, nunca está seguro de que faça psicologia” (apud FERREIRA, 2003).

Desta maneira, chega-se a um impasse, mostrando um lado frágil do campo psicológico. Diferentemente de áreas da ciência natural, onde lidamos com objetos observáveis mensuráveis e manipuláveis, no qual normalmente é possível fazer experimentos, ao tratarmos da Psique (ou, com licença poética, da alma) é necessário um cuidado e atenção maior, capaz de dar conta da complexidade desses fenômenos.

Um outro problema clássico que podemos situar é justamente o da relação entre observador e objeto observado, ou distinção cartesiana entre sujeito e objeto. É justamente a solução deste problema, ou seja, a perfeita separação entre os dois, que nos colocou historicamente no rumo para o desenvolvimento da ciência moderna, como a conhecemos hoje. Embora, para o estudo de fenômenos pertencentes a categoria da natureza o método cartesiano tenha sido excepcional e possibilitou avanços como as elucubrações de Newton para a Física moderna, e para pesquisadores de outros campos como Darwin e Lavoisier, é importante destacar que o método não é soberano e outras reflexões são igualmente imprescindíveis para pensar o social e o humano, para além da natureza, no sentido clássico.

Sobre a relação entre sujeito e objeto, na ciência e vida psíquica, a psicanálise nos fornece alguns insights a esse respeito. Lacan (1998) em *A Ciência e a Verdade* [1966], nos apresenta a esse clássico problema. É justamente com o “expurgo” da subjetividade por parte do sujeito, do pesquisador, que se chega (pelo menos em tese) ao objeto; não obstante, a tentativa do cientista em diminuir ao máximo possível qualquer viés que venha a sobrepujar seu trabalho.

De forma irônica, ao situar no lugar desse objeto o próprio sujeito, aquele que é sede da subjetividade, que se almeja se livrar, na reflexão científica, a psicanálise (ou a psicologia que intente em lidar com um conceito correlato ou aproximado de sujeito) verifica a necessidade de se posicionar de uma outra forma, que não a convencional proposta pela ciência. Daí a dificuldade entre algumas teorias em se estabelecer enquanto científicas, na medida em que lidam com problemas que vão além do que uma concepção rígida de ciência promove.

O mesmo ocorre para a Pedagogia, na medida em que ela se pretende Crítica. Em seu centro está o “desejo de desenvolvimento desse mesmo sujeito”, o sujeito da ciência, o que faz a ciência; e que dentro de uma reflexão psicanalítica podemos dizer: foracluído da ciência.

Em linhas gerais, não procuramos rechaçar o *approach* experimental que permeia algumas psicologias e tendências pedagógicas. Pode-se pensar, que de forma mais construtiva, é interessante uma sobreposição dessas visões, compreendendo seus limites metodológicos, teóricos e práticos, porém fazendo um esforço de síntese daquilo que podemos aproximar delas.

Por exemplo, a abordagem comportamental pode ser interessante para localizar atitudes e atos observáveis dentro da sala de aula, e analisar individualmente ou

coletivamente (dentro de um grupo ou determinada sala de aula) que possível atitude de professor pode ter para reforçar ou punir, caso o comportamento seja respectivamente bom ou ruim. Uma visão comportamental se aproxima da visão clássica da ciência, e também possui suas limitações, mas pode ter uma eficácia maior na medida em que permite operacionalizar, compreender, racionalizar e sistematizar interações e intervenções (Henklain, 2013).

Por outro lado, a própria psicanálise, pode propiciar insights a respeito da relação aluno-professor, ou aluno-escola, aluno-aluno, que normalmente passariam despercebidos sem um olhar atento. Também enfatiza o papel da intermediação pela fala entre as manutenções e manejo das relações, como também pode estimular a autoexpressão, comunicação e reconhecimento do próprio lugar de fala (Ribeiro, 2014).

Uma visão do desenvolvimento cognitivo (Piaget) ou afetivo (Wallon), pode situar ao professor a que etapa de desenvolvimento o aluno se encontra e quais os problemas que ele pode ou não pode resolver naquele momento, respeitando a sua maturação psicológica e biológica (Souza & Ramos, 2024).

Enquanto um olhar da teoria sócio-histórico pode nos ajudar a compreender não só o ensino mas o desenvolvimento como um todo, como um processo, que possui raízes históricas e culturais, e que a acessibilidade à informação, à práticas, livros, e outros bens culturais pode impulsionar a maturação do discente. Nota-se que o papel do professor, delineado por Vygotsky, enquanto mediador, é justamente aquilo que possibilita o aluno a caminhar na aprendizagem de um conceito ou atividade, da zona de desenvolvimento iminente (ZDI) a zona de desenvolvimento real (Coelho & Pisoni, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as relações entre as Psicologias e o campo pedagógico são amplas. Desde o surgimento da psicologia enquanto ciência, no início do século XX, é inegável a sua influência dentro dos modelos e teorias da aprendizagem e da educação. Nesse sentido, aqui destacamos a necessidade de um olhar crítico não só para a psicologia e a pedagogia, mas para o percurso do desenvolvimento e surgimento da ciência como um todo.

Crê-se que ambos os campos possam se ajudar profundamente, e que bons modelos e insights da psicologia podem influenciar e guiar novas práticas pedagógicas.

Seja para que se tornem mais eficientes, ou para que se tornem mais compreensivas da subjetividade que circunda os processos de conhecimento do mundo, e daquilo que nos torna pessoa - nossa capacidade genuína de aprender e se desenvolver de forma harmônica com o mundo e com os outros (assim seguindo uma reflexão humanista).

Por fim, esperamos que essas reflexões possam incitar novas revisões para uma compreensão mais específica dos fenômenos que circulam interssecionalmente o campo psicológico e o pedagógico, assim como possibilitem novas reflexões críticas a respeito do papel das psicologias na ciência pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e ao corpo docente da Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar (DHEE), que possibilitaram uma rica e profunda formação, assim como propiciou um olhar mais empático para os problemas sociais que circundam Educação.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 2003.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-PED**, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. O múltiplo surgimento da Psicologia. In: _____ **História da psicologia: rumos e percursos** (org. JACÓ-VILELA; FERREIRA & PORTUGAL). Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Matrizes do pensamento psicológico**. . Petrópolis: Vozes. . Acesso em: 20 abr. 2024. , 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HENKLAIN, M. H. O.; CARMO, J. DOS S.. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 704–723, 2013.

LACAN, Jacques. **Escritos** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

LIBÂNEO, J.C. **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar.** In: _____
Democratização da Escola Pública. São Paulo,SP: Ed. Loyola, 1985.

RIBEIRO, M. P de. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação, n. 39, p. 23-30, 2014.**

SOUZA, L. M. de.; RAMOS, I. C. M de. PIAGET, VIGOTSKY E WALLON: CONTRIBUIÇÕES NO CENÁRIO EDUCACIONAL. **IVY ENBER SCIENTIFIC JOURNAL, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 237–281, 2023.** Disponível em: <https://enberuniversity.com/revista/index.php/ies/article/view/51>. Acesso em: 10 out. 2024.

SHAPIN, S. Nunca Pura. **Estudos Históricos de Ciência como se fora produzida por pessoas com corpos, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade.** Tradução de Erick Ramalho. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, v. 1, 2013.